

SER PROFESSOR/EDUCADOR E ENSINAR GEOGRAFIA: ALGUMAS REFLEXÕES

Marquiana de Freitas Vilas Boas GOMES*

Resumo: A história da educação pública e da geografia escolar nos revela dois sentidos da educação: o da reprodução social e o da transformação. São dois caminhos opostos, cabendo a nós educadores decidirmos qual deles seguir. Daí a necessidade de refletirmos sobre o ser professor/educador e ensinar geografia, principalmente se pretendemos optar pelo segundo caminho: o da transformação. O papel da Geografia, nesse sentido, é de contribuir para a formação de cidadãos críticos, que pensem o espaço de forma menos caótica e sincrética, compreendendo as contradições e desigualdades da apropriação desse espaço. Para tanto, faz-se necessário definirmos a nossa concepção de geografia, traçarmos nossos objetivos conforme a realidade dos nossos alunos e a partir daí elencarmos os conteúdos pedagógicos e metodologias de ensino que favoreçam a compreensão do espaço.

Palavras-chave: Educação; Ensino de Geografia; Professor, Cidadão.

Resumen: La historia de la educación pública y de la geografía escolar nos revela dos sentidos de la educación: la reproducción social y la transformación. Son dos caminos opuestos, siendo nuestro cometido, como educadores, decidir cuál de ellos seguir. Por ello surge la necesidad de recapitular sobre ser profesor/educador y dedicarse a la enseñanza de la geografía, primordialmente si optamos por seguir el segundo de los caminos: el de la transformación. El papel de la Geografía, en este sentido, es el de contribuir en la formación de ciudadanos críticos, que piensen el espacio de forma menos caótica y sincrética, entendiendo las contradicciones y desigualdades de la apropiación de ese espacio. Con este objeto, es requisito definir nuestra concepción de geografía, trazar nuestros objetivos conforme a la realidad de nuestros alumnos y a partir de ahí catalogar los contenidos pedagógicos y las metodologías de educación que favorezcan la comprensión del espacio.

Palabras llave: Educación; Enseñanza de Geografía; Profesor; Ciudadano.

Gostaríamos de iniciar a discussão da proposta em pauta: “SER PROFESSOR/EDUCADOR E ENSINAR GEOGRAFIA: Algumas Reflexões” apresentando a crônica - O Rio São Francisco no Paraná – publicado na Folha de São Paulo em julho de 1999 pelo educador Rubem Alves¹, pois acreditamos que esta crônica além de propor uma reflexão sobre o ensino, aprendizagem e avaliação têm muito a contribuir com os nossos objetivos que são, entre outros, situarmos o professor/educador de Geografia e o ensino desta disciplina no contexto atual da educação e fazermos uma reflexão sobre qual(is) os caminhos necessários para

* Professora de Geografia – com Especialização em Ensino de Geografia na UEL/Londrina –PR e mestranda em Geografia na UNESP/Presidente Prudente – SP – bolsista da FAPESP.
E-mail: marquianagomes2@uol.com.br

Educador, escritor e psicanalista – professor emérito da UNICAMP.

que realmente esta disciplina possa contribuir para "iluminar o mundo", expressão de Rubem Alves em sua crônica. Começemos então a nossa reflexão:

O RIO SÃO FRANCISCO NO PARANÁ

Rubem Alves

Publicado na Folha São Paulo, 11/11/1978

O vôo era de São Paulo para Londrina. Já estava quase chegando. Lá embaixo, um rio serpenteava no meio dos campos. Qual seria? Eu sabia os nomes dos grandes rios de cor e poder localizá-los num mapa virtual na minha cabeça. Mas aquele eu não conhecia. Nisso, a aeromoça passou. Ela fazia aquela viagem todo dia, com certeza sabia o nome. Eu a chamei. Ela me sorriu sorridente. "Que rio é aquele?", perguntei. Sem perder o sorriso, ela me respondeu: "Acho que é o Rio São Francisco!"

Meu espanto ficou evidente no meu rosto, embora eu tivesse ficado mudo. Ela percebeu e, embora estivesse quase certa do que me dissera, prontificou-se a procurar confirmação numa autoridade superior: "Vou me certificar com o Comandante", disse. Voltou logo a seguir. "Não é o São Francisco", ela me reassegurou. "É o Paranapanema".

Era uma aeromoça. Para isso, tinha de ter alguma escolaridade – não sei se 1º ou 2º grau. Estudara Geografia. Vira o São Francisco nos mapas, rio enorme, que nasce em Minas, na Serra da Canastra. Se fosse, como no poema do Alberto Caeiro, o rio da minha aldeia, tudo bem que ninguém soubesse o nome. Nem Caeiro diz esse nome. Rios de que todo mundo sabe são o Tejo ou o São Francisco. Este nasce no meio de Minas e vai para o norte. A gente estava no norte do Paraná. E a aeromoça pensava que aquele era o São Francisco.

Posso jurar que ela não colou para passar de ano. Ela sabia direitinho os nomes. Sempre também olhar os mapas. Nas provas, marcou certo o Rio São Francisco. Na escola, tirou dez. Então, como explicar que ela visse o São Francisco no norte do Paraná? A resposta é simples: **não foi ensinado a ela que o mapa, coisa que se faz com símbolos para representar o espaço, só tem sentido se estiver ligado a um espaço ou não é símbolo, feito de montanhas, rios de verdade, planícies e mares. Saber um mapa é ver, pelos símbolos, o espaço que ele representa.** Pobre aeromoça! Se o avião caísse, ela pensaria que estava caindo ao lado do Rio São Francisco e invocaria o santo do mesmo nome. (...)

Símbolos que não são pontes? Passagens que não levam a um destino? **Repentinamente, o erro sorridente da aeromoça gentil foi, para mim, símbolo do que acontece com a educação.** As crianças e os adolescentes aprendem símbolos (e bem: com eles passam no vestibular, essa monstruosidade escolar) que não significam nada.

(...) carregamos como malas cheias de tijolos. Não servem para nada!

(...)

Mas brincar com tijolos? Só um tolo montaria uma oficina com todas as ferramentas existentes e se dedicaria a aprender seu uso sob a alegação de que talvez algum dia precise delas. **Mas é essa, precisamente, a filosofia dos nossos currículos! O aumento da eficácia do ensino é o aumento dos tijolos na mala. O símbolo, para ser bom, tem de ser luz que ilumina o mundo.** O certo seria que provas e provões fossem feitos não sobre os símbolos ensinados, mas sobre o mundo não ensinado, para ver se os símbolos iluminam o mundo. Olho com desconfiança para os laboratórios que as escolas exibem com orgulho. Eles ensinam, antes que entremos, que ciência é uma coisa que se produz dentro deles. Isso é mentira. (...) **Ciência não é algo que se faz em laboratórios nem o resultado desse fazer. É um jeito de ver as coisas, que nasce dos objetos do cotidiano, na casa, na rua, na oficina. Os olhos produzem o jeito**

científico de ver as coisas quando estão a serviço da inteligência. Por esse jeito científico, o mundo inteiro ganha sentido, o mapa explica o espaço. A aeromoça aprendeu o mapa. Não aprendeu a olhar o espaço por meio do mapa. (grifo nosso)

Muito saber científico é símbolo que não sai do laboratório. Como o Rio São Francisco da aeromoça, que não saiu do mapa. Não ilumina nem o mundo nem a vida. **Conhecimento que não decifra a vida e não ilumina o mundo não é conhecimento. É enganação.** Não importa que tire nota alta no provão. (grifo nosso)

E aí? Será que esta crônica tem algo a contribuir para a nossa reflexão? Acreditamos que sim. Poderíamos perguntar aos futuros e atuais professores/educadores de Geografia quais as críticas do autor que se encaixam com a atual situação da educação brasileira e mais especificamente com ensino de Geografia, nas universidades e nas escolas. Certamente seriam inúmeros os pontos a serem discutidos, diante da profundidade e da pertinência do autor com relação à realidade da educação, nos diferentes níveis de ensino.

Neste artigo, no entanto, pretendemos elencar alguns pontos relevantes que estão ligados ao nosso tema "SER PROFESSOR/EDUCADOR E ENSINAR GEOGRAFIA: Algumas reflexões".

Gostaríamos, portanto, de iniciar pela seguinte passagem da crônica:

Símbolos que não são pontes? Passagens que não levam a um destino? Repentinamente, o erro sorridente da aeromoça gentil foi, para mim, símbolo do que acontece com a educação. As crianças e os adolescentes aprendem símbolos (e bem: com eles passam no vestibular, essa monstruosidade escolar) que não significam nada.

O autor retrata com propriedade o que acontece, salvo algumas exceções, na educação escolar², "aprendem símbolos (...) que não significam nada".

E então perguntamos, qual seria o papel da escola?

Para responder esta questão consideramos importante situar em que condições históricas se deu a expansão da educação escolar, mais precisamente da escola pública, que eclodiu no final do século XIX, atrelada aos interesses da economia capitalista, isto é, ao interesse da burguesia que era reafirmar e consolidar a democracia burguesa.

Sobre isso Pereira (1999, p. 25) afirma que "... a expansão do sistema de ensino passa a servir para assegurar a hegemonia burguesa reproduzindo as relações de classe existentes e garantido, ao mesmo tempo, a expansão do capitalismo"

Até então, a educação escolar era privilégio do clero e da elite. Então, essa era uma maneira de combater o sistema feudal e assegurar o sistema capitalista. Conforme Saviani apud Pereira (op.cit, p. 25): "escolarizar todos os homens era condição de converter servos em cidadãos, era condição de que esses cidadãos participassem do processo político, e, participando do processo político, eles consolidariam a ordem democrática, democracia burguesa, é óbvio..."

Neste sentido o papel da educação escolar era de formar o cidadão, mas com um objetivo: o de reprodução social. Se nós estamos seguindo uma linha de raciocínio coerente, então a educação está cumprindo seu papel. Pois somente aprender símbolos que não servem para nada, parece ser a melhor maneira para reprodução social, ou melhor, para manter a atual situação das coisas.

No entanto, parece que há no interior desse processo, uma luz... Algo contraditório, mas que pode mudar esta lógica.

² Refiro-nos a Educação Escolar, pois consideramos que a educação não ocorre só na escola, mas nas relações estabelecidas com a família, no trabalho, na Igreja, enfim em todos os mais diversos ambientes frequentados pelo indivíduo.

Como a escola está num contexto social, no seu interior podem desenvolver-se várias contradições. Pereira (op.cit, p. 26) esclarece esse fato com propriedade, quando diz que:

“Assim como a burguesia vê na formação cultural um instrumento capaz de unir toda a sociedade e de articular todos os interesses em torno dos seus próprios, imprimindo “direção” à sociedade, as classes populares podem servir-se dela como forma de resistência aos interesses de elite impostos por essa burguesia e como meio para a construção de uma nova ordem social”.

Essa luz é a transformação – a mudança³, ou seja, ultrapassar a condição de objeto e alcançar a de sujeito.

Eis aqui o outro sentido da educação – transformar o indivíduo em cidadão, em sujeito. São dois caminhos opostos: o primeiro o da reprodução, onde o cidadão é considerado consumidor - usuário⁴, ou ainda infracidadão⁵. E o segundo, a transformação na qual o cidadão é considerado sujeito, consciente dos seus direitos e deveres⁶.

Qual o caminho a seguir? Essa é uma reflexão que achamos necessário a todo professor/educador.

Sem esgotar a discussão retomemos outra passagem da crônica de Rubem Alves:

“... A resposta é simples: não foi ensinado a ela que o mapa, coisa que se faz com símbolos para representar o espaço, só tem sentido se estiver ligado a um espaço ou não é símbolo, feito de montanhas, rios de verdade, planícies e mares. Saber um mapa é ver, pelos símbolos, o espaço que ele representa”.

É, parece que o autor fez uma crítica contundente a nossa disciplina. Afinal, não seria a geografia a disciplina responsável em ensinar a aeromoça que saber um mapa é ver, pelos símbolos, o espaço que ele representa?

E para responder esta pergunta temos que retornar à história da educação escolar.

Não se trata de uma mera coincidência o fato da expansão do sistema público de ensino e a Geografia Moderna, eclodirem no século XIX. Segundo Pereira (op.cit, p. 27):

³ Essas são as palavras de Paulo Freire em uma palestra proferida no SESI de Pernambuco em 1997: “*não é crível o discurso ideológico e reacionário da impossibilidade da mudança: isso não é uma obviedade. Gosto de ser gente por viver entre a possibilidade e a dificuldade de mudar. Ultrapassar a condição de objeto e alcançar a de sujeito, fazedor e refazedor do mundo, alimentam-me aos 75 anos*”.

⁴ “*Em nenhum outro país foram assim contemporâneos e concomitantes processos como a desruralização, as migrações brutais desenraizadoras, a urbanização galopante e concentradora, a expansão do consumo de massa e o crescimento econômico delirante, a concentração da mídia escrita, falada e televisada, a degradação das escolas, a instalação de um regime repressivo com a supressão dos direitos elementares dos indivíduos, a substituição rápida e brutal, o triunfo, ainda que superficial, de uma filosofia de vida que privilegia os meios materiais e se despreocupa com os aspectos finalistas da existência e entroniza o egoísmo como lei superior, porque é o instrumento da busca da ascensão social. Em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita o chamado de usuário.* (Santos, 1986, p. 12-13, apud. PONTUSCHKA (1996) p. 57). PONTUSCHKA, N.N. O perfil do professor e o ensino/aprendizagem da geografia. Cadernos Cedes (Campinas), nº 39, 1996, p. 57.

⁵ “*É Infracidadão aquele que não se reconhece em sua obra e vivência, de forma totalmente alienada, suas relações humanas, sendo seu espaço vivido reduzido ao espaço geométrico. Essa restrição da vivência não atinge somente os mais pobres, embora os alcance preferencialmente*” Damiani, Amélia Luísa. *A geografia e a construção da cidadania*. In: *A geografia na sala de aula*. Ed. Contexto, 1999, p. 52 São Paulo.

⁶ Marilena Chauí se refere ao cidadão – como sendo consciência política: “*a consciência é o cidadão, isto é, tanto o indivíduo situado no tecido das relações sociais, como portador de direitos e deveres, relacionando-se com a esfera pública do poder e das leis, quanto o membro de uma classe social, definido por sua situação e posição nessa classe, portador e defensor de interesses específicos de seu grupo ou de sua classe, relacionando-se com a esfera pública do poder e das leis*”.

“(...) o papel da escola e das próprias disciplinas que compõem o seu currículo, na disseminação de uma ideologia comprometida com o nacionalismo patriótico. A geografia, a história e a língua nacional, introduzidas nos currículos escolares, tornam-se instrumentos poderosos nas mãos de uma classe preocupada com a sua hegemonia e com o movimento da capital que deseja consolidar o Estado Nacional a partir da delimitação geográfica de suas fronteiras, demarcadas pela tradição e língua comuns.”

A geografia escolar, portanto nasce atrelada ao ideário de reprodução social. Com características bem definidas⁷:

- Inculcar uma ideologia nacionalista;
- Discurso neutro;
- Enumerar, para cada região ou para cada país, o relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústrias;
- Uma disciplina enfadonha e simplória, que não é preciso entender, basta ter memória.

Portanto, uma disciplina que pouco contribui para que o aluno compreenda a sua realidade.

Mas, nos parece que diante das críticas apresentadas por Rubem Alves, poucas coisas mudaram em relação à Geografia escolar e até mesmo à universitária, salvo algumas exceções, daquele período para o que temos hoje.

Será mesmo que a Geografia só serve para manter a situação atual das coisas? Acreditamos que não.

Como ciência do espaço ela também tem muito a contribuir para a transformação.

É o que os geógrafos da Geografia renovada⁸ buscam.

Mas o que nós professores/educadores do ensino de Geografia devemos dominar para construir uma geografia que contribua para a construção da cidadania?

Para que ajude a escola a ensinar o aluno a pensar a realidade?

Rubem Alves tem a resposta:

“Conhecimento que não decifra a vida e não ilumina o mundo não é conhecimento. É enganação” Isto é, temos que produzir um conhecimento que decifre a vida e ilumine o mundo, mas como?

Primeiramente, temos que definir nossos objetivos: de que lado estamos? Da reprodução ou da transformação?

Se a resposta for a primeira opção, poucas coisas se têm a fazer, basta mantermos um ensino de geografia cujos conteúdos são fragmentados, neutros, acrílicos...

Mas se a resposta for a segunda opção muita coisa temos a fazer.

Dentre elas, devemos definir a nossa concepção de Geografia. Ao nosso ver uma concepção de Geografia que visa a transformação e a formação do cidadão é aquela que leve o aluno, segundo Oliveira (1989, p. 142), *“a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”*.

⁷ LACOSTE, Yves. *A geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 4. ed. Papirus. 1997, p. 21-53.

⁸ Segundo OLIVA (1999) *“a geografia brasileira vem convivendo com impulsos renovadores há pelo menos vinte anos(...)”*. *No centro das discussões sobre a geografia encontram-se as novas elaborações acerca de seu objeto de estudo e aqui se caminha lentamente para um consenso seu objeto de estudo seria o espaço geográfico*. OLIVA, Jaime Tadeu. *Ensino de Geografia: um retardo desnecessário*. In: *A Geografia na sala de aula*. Ed. Contexto, 1999 p. 34.

Conhecemos os alunos com os quais estamos trabalhando e em que contextos eles estão inseridos. Sobre isso Pontuschka (1993, p. 202) afirma que o professor:

“além de realizar a leitura do espaço geográfico ou dos mapas geográficos; precisa fazer a leitura da realidade específica de seus alunos, daquilo que estes conhecem sobre o espaço geográfico: compreender onde se originaram tais conhecimentos, frutos de vivência, de sero-animado ou se possuem certos “conhecimentos” que podem se traduzir em “falso conhecer” ou “falso conhecimento”.

A partir disso, devemos definir os conteúdos – aqueles que melhor atingirão os objetivos, quais sejam levar o aluno a entender o mundo de forma menos caótica e sintética, a ser um agente politizado e transformador, a elaborar um raciocínio geográfico que permita corroborar para a compreensão da realidade em diferentes escalas.

Ainda sobre os conteúdos é necessário que estes desenvolvam conceitos, habilidades, atitudes, valores que ajudem o aluno a pensar o espaço e, como já foi salientado anteriormente, o professor deve aproveitar os conhecimentos dos alunos, descontextualizando-os e recontextualizando-os para o conhecimento científico. Conhecimento este que é produzido nas universidades e que o professor-pesquisador⁹ deve levar para a sala de aula, numa linguagem didática, mas que não o reduza a ponto de desvirtuar o conhecimento científico.

Para tanto, é necessário que se tenha domínio do conteúdo, mas não só dele. Segundo Pontuschka (1996, p. 59) *“conhecimentos na área da psicologia de ensino e aprendizagem, a história da educação, de história da disciplina geográfica, de linguagens e métodos utilizados em sala de aula devem fazer parte do acervo cultural do professor de Geografia”*.

Consideramos estes conhecimentos de suma importância na prática - docente, visto que os conhecimentos na área da psicologia de ensino e aprendizagem podem auxiliar o professor em diferentes situações, sejam elas comportamentais, emocionais e/ou dificuldades no processo de aprendizagem. A história da educação, como vimos, faz com que nos situamos quanto ao contexto histórico em que a educação passou e passa, ajudando-nos nas nossas práticas e no posicionamento político.

Ora, uma concepção de educação tradicional, arcaica, com currículo preso a programas, só terá como resultado a transmissão da informação. Agora, uma concepção de educação dialética, cujo currículo está voltado para uma prática social, terá como resultado a construção do conhecimento.

Para refletir sobre esta questão gostaríamos de retomar outra passagem da crônica de Rubem Alves:

“Mas brincar com tijolos? Só um tolo montaria uma oficina com todas as ferramentas existentes e se dedicaria a aprender seu uso sob a alegação de que talvez algum dia precise delas. Mas é essa, precisamente, a filosofia dos nossos currículos! O aumento da eficácia do ensino é o aumento dos tijolos na mala. O símbolo, para ser bom, tem de ser luz que ilumina o mundo. O certo seria que provas e provões fossem feitos não sobre os símbolos ensinados, mas sobre o mundo não ensinado, para ver se os símbolos iluminam o mundo.”

⁹ Concordamos com PONTUSCHKA (1996) op.cit.p. 59, quando utiliza esta expressão para referir-se ao professor que está permanentemente estudando, acompanhando as correntes de pensamento de sua própria disciplina, da psicologia e da educação.

Certamente, este modelo de educação do qual o autor está se referindo: *O aumento da eficácia do ensino é o aumento dos tijolos na mala!*, é um modelo de educação voltado para a transmissão da informação. No entanto, o que ele considera ser realmente importante é uma concepção de educação voltada para a construção do conhecimento.

Mas como fazer com que conteúdos, nossas matérias-primas, para produzir conhecimento, sejam transmitidos aos alunos de forma coerente para que atinjam nossos objetivos?

Eis aqui, o papel das metodologias de ensino. Somente com o domínio de diferentes técnicas e instrumentos para produção do conhecimento geográfico poderemos realizar uma prática - pedagógica eficiente.

A esse respeito Pontuschka (1993, p. 204) ressalta que:

"O professor de Geografia precisa dominar os documentos diversificados que sustentam a constituição do saber geográfico e que lhe deram validade científica, desde as pesquisas empíricas, os inventários e a sua divulgação pelos geógrafos responsáveis pela História da Ciência Geográfica até o instrumental utilizado na produção desse conhecimento, dos instrumentos mais convencionais como o mapa, a carta geográfica, o gráfico e a tabela até os mais recentes como os levantamentos dos espaços territoriais feitos por sensoriamento remoto e os recursos oferecidos pela informática que no Brasil já começam a se expandir como auxiliares da pesquisa geográfica".

A autora ainda chama a atenção sobre a importância de diferentes linguagens, quais sejam obras literárias, cinema, fitas de vídeo, fotografias... para a compreensão e crítica da produção do espaço, desde que não sejam utilizados apenas como ilustração.

Cabe aqui outra passagem da crônica de Rubem Alves:

"Ciência não é algo que se faz em laboratórios nem o resultado desse fazer. É um jeito de ver as coisas, que nasce dos objetos do cotidiano, na casa, na rua, na oficina. Os olhos produzem o jeito científico de ver as coisas quando estão a serviço da inteligência. Por esse jeito científico, o mundo inteiro ganha sentido, o mapa explica o espaço. A aeromoça aprendeu o mapa. Não aprendeu a olhar o espaço por meio do mapa."

Afinal, a melhor metodologia é aquela que contribui para com a nossa prática-pedagógica, que estabelece um diálogo entre aluno-aluno/professor-aluno/aluno-aluno e o conhecimento vivido pelos alunos nos mais diversos ambientes em suas relações sociais. É aquela que possibilita ao aluno compreender o conteúdo - conhecimento científico e que problematiza a situação provocando no aluno a reflexão.

Neste sentido, entendemos que as metodologias estão diretamente ligadas aos conteúdos que consideramos necessários ao conhecimento geográfico e atreladas aos objetivos que traçamos.

Esses pontos aqui ressaltados são ao nosso ver imprescindíveis para o SER PROFESSOR/EDUCADOR E ENSINAR GEOGRAFIA, uma vez que ao atuarmos nas instituições de ensino, sejam elas as escolas de ensino fundamental e médio ou nas universidades públicas ou particulares, com certeza nos depararemos com programas definidos, geralmente de cima para baixo, parâmetros curriculares nacionais - PCNs - que recebem inúmeras críticas de geógrafos realmente comprometidos com o ensino de geografia, com os professores, coordenadores, diretores e outros que possuem concepções de ensino muitas vezes parecidas com as nossas, mas também e em mesmo número, muito diferentes. E então somente com uma

formação profissional sólida e competente, com objetivos e metodologias bem definidas, poderemos mudar o estado atual das coisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCHELA, R. GOMES, M.F.V.B. **Manual de aulas práticas: geografia para o ensino médio**. Londrina: UEL, 1999, 143p.
- BROSSEAU, Guy. Os diferentes papéis do professor. In: SAIZ, Cecília Irmã Parra. **Didática da matemática: (reflexões psicopedagógicas)**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 41-70.
- CARLOS, A. F.A. (Org.). **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999. 144p.
- CARLOS, A. F. A. OLIVEIRA, A.U. (Orgs). **Reformas no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. 156p.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. et al. As transformações no mundo da educação: geografia, ensino e responsabilidade social. **Terra Livre**, São Paulo, n.14, 1999.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (et al) (org. (s)). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 7. ed. São Paulo: Ática. [s.d.]
- DANTS, C; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção magistério)
- ENGUITA, M. F. **A Face oculta da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, 272p.
- LACOSTE, Yves. **A geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. São Paulo: Campinas: Papyrus, 1997, 263 p.
- PEREIRA, R. M. F. do. **Da Geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. Florianópolis: USFC, [s.d.]
- OLIVEIRA, A. U. de. Situação e tendências da geografia. In: OLIVEIRA, A. U. de. (Org.) **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989. p. 24-29.
- PONTUSCHKA, N.N. Licenciandos de geografia e as representações sobre o "Ser Professor". **Terra Livre**, São Paulo, p. 189-207, 1993.
- PONTUSCHKA, N.N. **O perfil do professor e o ensino/aprendizagem da geografia**. Cadernos Cedes, Campinas, n.39, p. 57- 63, 1996.